

Baudelaire: Um Estudo Sobre a Beleza

Baudelaire: A Study of Beauty

Sueder Souza¹

RESUMO: O presente ensaio trata de um dos maiores poetas do século XIX, transgressor, rebelde e apaixonado, Charles-Pierre Baudelaire, desde cedo demonstrou o seu eu irreverente, tanto em suas opiniões, como em suas obras de arte, as poesias. De relevante influência para o Simbolismo, Baudelaire nos traz um conceito dúbio de Beleza, acerca do que seria o belo, indo do céu ao inferno, tecendo uma nova linguagem literária em sua época, o que o levou a ser acusado pela sociedade de atentar contra os bons costumes. Ainda neste ensaio é realizada a análise baseada no poema *La Beauté* (A Beleza), um poema do livro *Les Fleurs du Mal* (As Flores do Mal), onde é evidente sua paixão pela Beleza feminina e ainda nós trás interpretações acerca do que seria e do que realmente foi o belo, segundo Baudelaire.

Palavras-chave: Baudelaire. A Beleza. As Flores do Mal.

Introdução

Para o entendimento do contexto histórico de Baudelaire, é necessário resgatar meados do século XIX, período de grandes modificações no mundo. Modificações sociais, econômicas, culturais, filosóficas, existenciais e poéticas. É dentro dessa “revolução” de mudanças que viveu o poeta. Afirma Gomes (1994, p.7), “... é nesse cenário que surge tanto a obra de Baudelaire, quanto o “Simbolismo.”

Iniciou-se a Revolução Industrial, no fim do século XVIII, mas o seu auge foi logo no começo do século XIX, em meio à produção de massa de mercadorias e a automatização industrial. Esses motivos levaram as cidades ao crescimento elevado, segundo disse Gomes:

A era moderna parece nascer aí: crescem a produção e o consumo dos bens manufaturados, e o homem cria a ilusão de que o mundo se tornou menor, graças à velocidade dos meios de locomoção. O resultado dessa obsessão com o progresso é a intensa euforia, somada a crença na onipotência do homem, que se deixa guiar quase que exclusivamente pela razão. (GOMES, 1994. p.7)

¹ Graduando do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Curitiba. Email: swedersouza@gmail.com.

Sabemos que a Revolução Industrial está ligada ao avanço das ciências e da tecnologia e que ainda, possibilitou o melhoramento e as novas invenções, mas tais invenções não se restringiram só a tecnologia, Gomes ainda afirma que:

A euforia provocada pela crença no progresso, pelas grandes descobertas científicas, paradoxalmente acabaria por levar a séria crise. A revolução industrial, ao criar a fantasia do paraíso material do consumismo, da produção em massa de objetos, em determinado instante, mostra o outro lado da moeda. Os centros urbanos tornam-se mais agitados, mais ricos, contudo expõem, ao mesmo tempo a miséria dos aglomerados humanos dos bairros de lata. A automatização, que leva à produção de manufaturados em série, transforma o operário numa engrenagem da máquina. A obsessão pelo consumo, pela produção desenfreada pelas novidades, leva ao modismo, ao princípio de que tudo é transitório, nada é duradouro, inclusive os critérios de gosto e de arte. Os objetivos artísticos, com suas mercadorias, passam a ser consumidos vorazmente e, por causa disso, têm curta duração. Em consequência disso, o homem passa a ter sensação de que vive num mundo fragmentário e de valores efêmeros. (GOMES, 1994, p. 08)

Nesse sentido, Baudelaire critica a modernidade. Para o poeta, o avanço trouxe malefícios para o mundo moderno. Até mesmo as relações pessoais sofreram com esse avanço. Baudelaire ainda diz não existir mais confiança nas relações interpessoais, as coisas ficaram muito passageiras, artificiais, os homens amedrontam-se de relacionamentos, pois devido as transformações, não se tem mais confiança nas afinidades e isso causaria angustia no homem, por se sentir fragmentado diante das multidões e das grandes cidades.

Conforme Hyde (KIRCHOFF, 2004, p. 01), “[...] a literatura modernista nasceu na cidade e com Baudelaire, principalmente na descoberta deste poeta de que as multidões significam solidão e que os termos multidude e solidude são intercambiáveis para um poeta de imaginação fértil e ativa”.

Para Koch (KIRCHOFF, 2004, p. 01), “[...] o modernismo de Baudelaire, consiste na radicalização do foco estilístico da linguagem em detrimento do foco informacional”. Vendo as considerações de outros autores a respeito da modernidade e seu progresso, observamos que Baudelaire vivenciou tudo isso.

Benjamin nos diz: “É, sobretudo a fé no progresso que Baudelaire persegue com seu ódio, como uma heresia, uma doutrina errada, e não como um erro comum”. (COLI, 2005, p. 294).

Para Habermas “é com Baudelaire que a alusão à modernidade passa a ser observada por uma atualidade que se “autoconsome”. Está, no entanto, não pode ser

aguardada com a perspectiva de que um dia irá acabar, desde então, essa atualidade passa a ser o centro da vida moderna, não podendo mais buscar refúgio nos tempos passados.” (KIRCHOFF, 2004, p. 2). A partir de então, o poeta utiliza do termo *flaineire* (Flâneur) a fim de fazer um resgate no homem o sentido imaginário e a relação com o passado, que esta modernidade interrompeu. A Beleza de Baudelaire está presente em meio à decepção que rodeia o poeta, percebendo que ela, também está presente no grotesco da sociedade atual. O poeta trata do homem que tem capacidade de despertar o imaginário, podendo chegar aonde jamais fisicamente chegará: no belo mundo poético e filosófico.

Flaineire (Flâneur):

É um observador que caminha tranquilamente pelas ruas, apreendendo cada detalhe, sem ser notado, sem se inserir na paisagem, que busca uma nova percepção da cidade. E para situar a curiosa figura do flâneur no tempo, é preciso entendê-lo, antes de tudo, como uma figura nascida na modernidade. Ele apareceu como o contraponto do aspecto que trata das relações entre os fenômenos urbanos das multidões e a experiência vivida e transmitida pelo escritor através de sua forte expressão poética. (PASSOS et al, 2003, p. 06-07).

Baudelaire, através do grotesco, cria uma alegoria que tenta mostrar o ridículo da modernidade. Essa alegoria e a busca de ridicularizar a modernidade através do grotesco é o que podemos chamar de paradoxo Baudelairiano, onde o poeta utiliza aspectos pessimistas para chegar ao novo e ao moderno, fazendo com que os aspectos da modernidade estivessem ligados a decadência e a insatisfação, a partir da sua percepção em relação ao abismo que as pessoas se deparavam com os avanços de sua época.

Estilo Baudelaire e a Modernidade

Considerado um marco da poesia moderna e simbolista, assim como consta em seu livro que reúne de maneira exemplar uma série de movimentos da obra do poeta, tais como: a queda; a expulsão do paraíso; o amor; o erotismo; a decadência; a morte; o tempo; o exílio e o tédio. Suas descrições escassas são sempre densas de significado. Mas no livro tudo é fascinação, música, sensualidade abstrata e poderosa. “Neste livro

atroz, pus todo o meu pensamento, todo o meu coração, toda a minha religião (travestida), todo o meu ódio”, escreveu Baudelaire sobre este livro, numa carta. Além de suas características simbólicas, seus poemas são densos e breves, com temáticas que envolvem o grotesco, mulheres, solidão, sensualidade e principalmente a Beleza. Ao se tratar de seus escritos, abusa da sinestesia e de aliteração em seus poemas, das assonâncias, de repetição fônica das vogais, dando assim um aspecto musical em sua poesia.

Baudelaire também é visto como poeta moderno, seja pela sua liberdade de expressão, pela sua incorporação do cotidiano em seus poemas, pelas suas inovações técnicas, e por abordar temas místicos, espirituais e ocultos, que iam de encontro com sua época. Assim, para o poeta, os símbolos estão no nosso universo material correspondendo às realidades de um “mundo” superior, que seria algo invisível, pois se o poeta está no mundo como o “correspondente” do invisível, tudo leva a crer que a mensagem vem de algum lugar, ou seja, da inspiração.

O poeta concorda com Poe que a criação é uma questão de vontade e habilidade, – além da inspiração - um poema não é e não foi escrito por si só, o que reforça a ideia da arte poética, sendo uma ciência que não poderia se confiar no acaso, pois a mesma se tornaria ineficiente. Também se percebe que a natureza é geralmente ausente na obra do poeta, até mesmo por saber que Baudelaire não gosta do mar – podemos supor aqui que ficou traumatizado pela viagem que seu padrasto o impôs -. Seria o mar uma exceção? O mar de fato parece levantar a correspondência de um ser feliz em *L’homme et Le Mer* (O Homem e o Mar), mas deixaremos esta para depois.

A essas considerações, vemos em *O pintor da Vida Moderna*, o relato do poeta sobre o clássico e a beleza ideal, onde o amor ao clássico e à beleza ideal não é calcado pela beleza em particular, fazendo referência a um artista - Constantin Guys - que, pela visão idealizada do poeta, tece com rapidez e em grande quantidade, esboços ou desenhos de objetos diversos, o que remete-nos a questão da vontade, habilidade e inspiração que vemos em consonância do poeta com Poe.

Ainda, aquele que está atento, aquele que observa as mudanças, os detalhes, e as coisas que parecem insignificantes, caracterizaria o homem do mundo, dando a essas características, que aparecem como pequenos detalhes, o pintor da modernidade.

O ensaio trata em detalhes sobre as questões que envolvem o artista ideal, artista este que participa do mundo, e assim tem a possibilidade de reinventar suas obras. Estabelece ainda, como parte dessa modernidade, a representação de algo transitório, essa busca de modelos no passado, que representa o presente. Aos olhos de Baudelaire é vista como uma fórmula ou forma que acaba por produzir o ambíguo, o falso e o obscuro. Assim como a figura da mulher, que está ligada ao artista da modernidade, sendo ela representada em todos os tempos, como vemos nas questões que envolvem a Beleza nos poemas de Baudelaire.

A esse ensaio do poeta, não iremos nos ater aqui, apenas serve como um aporte as partes relatadas a respeito da Beleza e as questões sobre a modernidade, servindo como uma base para o estudo aqui proposto.

Les Fleurs Du Mal

O momento de suma importância se dá com a polêmica da publicação da primeira edição de *Les Fleurs du Mal* em 1857. As Flores do Mal trazia cem poemas, em uma nova linguagem que oscilava entre o sublime e o grotesco numa imposição lírica à realidade fria da vida. A obra é dividida de acordo com a temática dos poemas. O ciclo que nos interessa aqui é:

Spleen et Idéal – (razão e ideal) dividida em duas partes, sendo que neste capítulo o poeta expressa suas experiências mais pessoais, onde subdivide em *grandeur du poete* (a grandeza do poeta), *misere du poete* (a miséria do poeta) e *son ideal de beaute* (seu ideal de beleza) e a segunda parte deste capítulo, sobre *l'amour* (o amor). Acima de tudo os poemas são coerentes, mas na tentativa de escapar do “Mal” resultaria em uma falha do *l'Idéal*, e novamente Baudelaire se “reencontra” com o Mal.

Spleen et Idéal (razão e ideal)

Aprofundando um pouco mais o primeiro capítulo, ou ciclo, temos dois conceitos a ser tratados aqui: *Le Spleen et L'idéal*.

A combinação de valores – melancolia e tédio - que remete ao termo *Spleen*, que foi adotado pela língua francesa para expressar o clima do *fin de siècle*, pode ser traduzida como Razão em oposição ao *L'idéal* (Ideal) são noções contrárias, mas não independentes, são de fato a mesma medida, ou Baudelaire é muito elevado que está

exposto a decepção e fracasso pelo qual o poeta é no mundo o ser mais exposto ao infortúnio. De fato ser a maior inspiração, tem características de ideal, e a razão aparece como uma receptação do ideal, em outras palavras, é a busca do absoluto, o que faz com que a existência seja difícil. Ou na verdade seria a razão que traria a dificuldade para viver?

Em Francês, *Spleen* significaria Baço, em Inglês *Rate* traduzindo na forma mais a fim, teríamos em Português, o equivalente a Razão – mas se analisarmos mais a fundo, poderíamos traduzir *Spleen* como o “Mal”, o qual Baudelaire tanto se refere – ou ainda em Francês “*Bile Noire*” ou “*Mélancolie*” se analisarmos através de um viés histórico, temos a “*Bile Noire*” traduzindo para o Português, Bile Negra, que seria, segundo a teoria humoral, de Hipócrates, a melancolia, onde cada um dos humores teria diferentes qualidades, no caso, à bílis negra teria característica de: fria e seca. Teríamos então, a melancolia como causa a qual levaria Baudelaire a ser um Idealista devido a suas causas e transgressões as quais defendera em sua vida e transformara em poesia.

Mas, longe das raízes gregas, a partir do qual se deu a origem à palavra melancolia, que foi usada com o tempo e, provavelmente, também pelo abuso que foi feito na França em meados do século XVIII, incluindo Diderot, o qual escrevera bastante sobre a melancolia, como uma palavra forte, Baudelaire a leva em uma dimensão mais filosófica.

A Beleza, Segundo Baudelaire

O Soneto foi escrito em 1857, como revolução do romantismo poético e de grandes escritores, como Baudelaire. Tendo como forma dois quartetos composto por 12 sílabas (Alexandrina) e dois tercetos também de 12 sílabas, de rimas ABBA nos quartetos e ABA e ABB no primeiro e segundo terceto.

Assim, os quartetos têm uma ideia geral de beleza, enquanto nos tercetos aparece o seu papel inspirador, oferece os poetas ideais, que são comparados a outros seres humanos em uma situação particular, eles estão tentando chegar a suas obras.

A noção de Beleza é um lugar de destaque na obra de Baudelaire e mais ainda, em seus poemas. Uma vez que a beleza é o extrato do pecado e do sofrimento para o poeta. Mas há casos em que a beleza não é apenas o fim do poema, é a concepção do mesmo.

A Beleza é saudada como a forma privilegiada de ideal e corresponde aos momentos felizes remetendo-nos em momentos os quais o poeta escapa do “mal” ou do “baço negro”. A Beleza desperta Baudelaire, ela é o êxtase feito de volúpia e de conhecimento, a Beleza é, para o poeta, como uma celebração para a mente.

O poeta dedicou-lhe um verdadeiro culto, no poema o qual estamos analisando aqui. Mas a Beleza é quase toda construída em valor supremo, é como Nietzsche diria mais tarde, “para além do bem e do mal”. O poeta se refere à beleza como algo religioso.

No primeiro verso “Eu sou bela, ó mortais! Como um sonho de pedra” percebe-se a beleza se exaltando por ela mesma, chega até se comparar a perfeição de uma estátua “grega”, segundo entendimentos da época do poema, quando “ela” mesma afirma: “Como um sonho de pedra”, o símbolo pedra que ocupa um lugar de distinção existe entre a alma e a pedra. Segundo a lenda de Prometeu, procriador do gênero humano, as pedras conservam um odor humano. A pedra e o homem apresentam um movimento duplo de subida e descida. A pedra crônica representa o elemento masculino já à pedra cúbica elemento feminino. Se o cone repousar sobre um pedestal reúne-se assim elementos femininos e masculinos. Vemos isso devido o poeta por a Beleza em um pedestal e ainda compara a uma esfinge como vemos em “Eu impero no azul como uma esfinge singular”.

Para segunda, terceira e quarta estrofe “Eu impero no azul, como uma esfinge singular; Sou coração de neve branco como cisne; Eu odeio movimento, porque a linha se desloca; E nem sei o que é rir, nem sei o que é chorar.” Vemos nos versos, a característica de misteriosa e também a característica de exatidão, são remetidas à Beleza pela própria Beleza.

A característica de misteriosa e única, caracterizada por ela mesma, se encontra no seguinte verso: “Eu impero no azul, como uma esfinge singular”. Temos aqui o azul que remete a mais profunda das cores. Nele o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito. O azul é a mais imaterial das cores: geralmente feito apenas de transparência. É a mais fria das cores e em seu valor mais absoluto a mais pura. Seus movimentos, sons, as formas, desaparecem no azul, afogam-se nele e somem. Imaterial em si mesmo o azul desmaterializa tudo aquilo que dele se

impregna. É o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário. O azul é o caminho da divagação e quando companhia natural torna-se o caminho do sonho.

Já a Beleza sempre impera assim como uma esfinge (misteriosa) e única, o que pode ser levado em conta seu significado enquanto símbolo, que nos remete a ideia de que a esfinge, em sua forma comum, agachada, expressariam na angustia inventada pelo lirismo romântico, mas a serenidade de uma certeza. Seria também o símbolo da devassidão e da dominação perversa. Ela sentada sobre a rocha, símbolo terra, adere como se estivesse presa, símbolo da ausência e da elevação.

“Eu odeio o movimento, porque a linha se desloca; E nem sei o que é rir, nem o que é chorar”. A linha nos remete a ideia de algo exato, sem imperfeições, estática, pois o movimento a desalinaria e na perfeição não há desalinho. Quando ela afirma não saber rir e nem chorar, ela assume não possuir características mortais, aqui ela se afasta do mundo mortal. A beleza assume sua divindade nesses versos, ou seja, perfeita, sem características ou defeitos de mortais, logo ela é a exatidão.

Nos últimos versos do poema ela confirma tudo isso, inclusive a imortalidade ao dizer: “Tenho para encantar este dócil amante; Pondo beleza em tudo, os mais puros cristais; Meu olhar, largo olhar de clarões eternos.” O cristal que a Beleza se refere pode ser visto como uma consideração embrionária, ele nasce da terra, da rocha. Por sua transparência e um dos mais belos exemplos de união dos contrários: o cristal, mesmo material permite que se veja através dele, como se material não fosse. Representa assim o plano intermediário entre o visível e o invisível – a Beleza imortal.

A fórmula é o próprio Baudelaire, ele por si só exaltando a Beleza faz uso dos seus artifícios “terrestres”, pois para ele o belo é sempre estranho. Não quero dizer que seja voluntariamente e friamente bizarro, porque, neste caso, seria um monstro. Eu digo que embora contenha alguma estranheza, para Baudelaire, a beleza de uma mulher está mais em sua composição, maquiagem e perfume, do que na graça natural do corpo, ai está à contradição.

No presente poema, a Beleza descrita por Baudelaire é considerada como artificial, descrita livremente e expressada alegoricamente. Aos olhos dos homens, parece tão fascinante e perfeita. Como vemos também na seguinte estrofe “Feito para inspirar os poetas um amor”, aqui à beleza sabe o efeito que ela causa nos poetas e admite ser a inspiração deles.

Considerações Finais

O belo, a Beleza, tema tão presente nas obras de Baudelaire, ele que através de suas análises sobre o tema nos revela as várias perspectivas que podemos ver analisar, avaliar e até mesmo entender o belo.

Para Baudelaire a beleza também é histórica, ou seja, cada época tem a sua beleza particular que a torna única. Como já dizia o poeta: “O passado é interessante não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para os quais ele era o presente, mas igualmente como passado por seu valor histórico”. Para sentir a essência dessa beleza histórica tem que saber tirar de uma determinada época o que esta pode conter “de poético no histórico” e também tem que saber “extrair o eterno do transitório”, como Baudelaire já afirmara.

O belo, que ao mesmo tempo é eterno, invariável é também relativo, circunstancial. É eterno, pois a partir do momento em que o artista e/ou o poeta registra em sua obra uma determinada época com todas as suas características, ele torna aquele instante eterno na sua obra. O belo é transitório, porque aquelas características, aquelas modas pertenciam aquele momento da história e não necessariamente pertence ao tempo presente, a modernidade.

Essa dualidade do belo, que é ao mesmo tempo eterno e relativo, é de vital importância para a obra de arte, pois uma não existe sem a outra. Portanto, é preciso haver essa dualidade. Essa Beleza, que com sua singularidade continua e continuará a encantar poetas e artistas de todos os tempos com sua perfeição e sua imortalidade de ser.

Para o poeta, Beleza seria tangível e intangível, com a aparência de uma mulher forte, fria, orgulhosa e majestosa, monstruosa em sua imobilidade, a insensibilidade, a impessoalidade, o desprezo, a crueldade, e as características de um valor supremo, uma entidade eterna e pura, um conceito abstrato, atemporal e inacessível, o que representa um enigma sem fim para os poetas. Não há acordo entre a concepção do poema que expressa à Beleza e a forma impecável, pois reflete uma maestria admirável, mas não tem abertura em uma arte poética, enfatizando, em vez do lado indivíduo solitário, a busca pela Beleza.

Assim como em *O Pintor da Vida Moderna*, que nos trás uma visão sobre o objeto da arte e suas técnicas e condições de produção, a arte para o poeta, seria a

constante busca no novo, que englobaria todas as esferas da vida, seja política, social, cultural, etc. essa busca pelo original, pelo novo, é vista em seus poemas, em particular em *La Beauté*, pois está sempre associado a algo inovador, ousado, uma nova visão que pode representar uma transformação de algum conceito ou paradigma. Em seu ensaio, Baudelaire deixa claro que a modernidade é vista sempre como a frente de seu tempo, ou seja, que a arte está sempre à frente da época criada, sendo assim, em cada fase da Civilização, sempre existiu uma modernidade. O conceito de modernidade ligado ao de Beleza para o poeta, ainda trás as marcas do que foi o moderno e do ainda o consideramos hoje.

Bibliografia

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade. O pintor da Vida Moderna*. Teixeira Coelho (Org.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Les Fleurs du Mal*. J'ai lu Éditions, Paris 1986.

_____. *Les paradis artificiels suivis des journaux intimes*. Paris/Lausanne: Éditions de Clairefontaine, 1947.

_____. *A modernidade de Baudelaire*. Tradução de Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Poesia e Prosa*. (Org.) Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. *Sobre a modernidade*. (Org.) Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do Capitalismo*. Tradução: José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Editora Jose Olympio, 2009.

COLI, Jorge. *Consciência e heroísmo no mundo moderno*. In: NOVAES, Adauto et al. (Org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 291- 304.

GOMES, Álvaro. *O simbolismo*. São Paulo: Ática, 1994.

JOLIVET, Régis. *As doutrinas existencialistas - de Kierkegaard a Sartre*. Tradução de António Vasconcelos e Lecantre. 2. ed. Porto: Tavares Martins, 1957.

JUNG, Carl. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1992, 10ª Ed.

KIRCHOFF, Edgar. *A cidade como representação da modernidade na poesia de Baudelaire*. In: Revista Práxis, Rio Grande do Sul: Jul/Dez2004. v. 1, n. 2. Disponível em: <guaiba.ulbra.tche.br/pesquisa/praxis/pagina_inicial.htm>. Acesso em: 12 set. 2013.

MALIZIA, Enrico. *O Poema do Haxixe*. Tradução : CAMBE, Marie. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil Ltda. 1996.

MEDEIROS, Valério. *O grotesco em Baudelaire*. In: Revista Garrafa, Rio de Janeiro: Jan/Abril2004. v. 1, n. 2. Disponível em: <www.lettras.ufrj.br/ciencialit/ensaios/novos_garrafa_2/ensaio_o_grotesco.doc> Acesso em: 10 set. 2013.

PASSOS, Fernanda. et al. *O novo flâneur*. Revista Eclética. Rio de Janeiro: Jul/Dez. 2003. v. 1, n. 17. Disponível em: <puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/2%20-%20o%20novo%20fl%C3%A2neur.pdf>. Acesso em: 15 set. 2013.